



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)



Vol 18, Núm 2, jul-dez, 2025, pág. 335-359

**Desafios para a transmissão intergeracional de práticas com plantas  
medicinais na Resex Tapajós-Arapiuns, Amazônia**

**Challenges for the intergenerational transmission of practices with medicinal  
plants in the Tapajós-Arapiuns Extractive Reserve, Amazon**

**Défis pour la transmission intergénérationnelle des pratiques avec les plantes  
médicinales dans la réserve extractive de Tapajós-Arapiuns, Amazonie**

**Rosineri Freitas Melo<sup>1</sup>**

**Helionora da Silva Alves<sup>2</sup>**

**Franciclei Burlamaque Maciel<sup>3</sup>**

**Wilson Sabino<sup>4</sup>**

---

<sup>1</sup> Discente do Instituto de Biodiversidade e Florestas (IBEF), graduanda em Ciências Agrárias pela Universidade Federal do Oeste do Pará e bolsista pela Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (Fapespa). Telephone (93) 99186/6427. E-mail: [rosemelostm@gmail.com](mailto:rosemelostm@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-8238-6983>

<sup>2</sup> Doutora em Agricultura Tropical, pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Campus Cuiabá, Brasil, e Pós-doutorado em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE. Docente no Instituto de Biodiversidade e Florestas (IBEF) da Universidade Federal do Oeste do Pará. [helionoraalves@ufopa.edu.br](mailto:helionoraalves@ufopa.edu.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2118-5502>

<sup>3</sup> Doutora em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Docente no Instituto de Ciência da Sociedade (ICS) da Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: [francicleibmaciel@gmail.com](mailto:francicleibmaciel@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7949-0070>.

<sup>4</sup> Doutor pelo departamento de Medicina Preventiva e Saúde Pública na Universidad Autónoma de Madrid (UAM). Docente no Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: [wilson.sabino@ufopa.edu.br](mailto:wilson.sabino@ufopa.edu.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6292-639X>.



## Resumo

O presente estudo tem como objetivo compreender as dinâmicas de transmissão intergeracional do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais na comunidade de Surucuá, situada na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, Santarém-PA. Por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com cinco mulheres reconhecidas como guardiãs desse saber, foram investigados os desafios culturais, sociais e ambientais que impactam a continuidade dessas práticas. Na análise qualitativa utilizou de categorias emergentes (Transmissão do Conhecimento; Desinteresse dos Jovens; Valorização do Conhecimento; Sustentabilidade do Manejo; Coexistência entre Medicina Tradicional a Alopática). Os resultados revelaram a centralidade das mulheres na preservação do conhecimento, mas também evidenciaram a desconexão crescente das gerações mais jovens devido à influência da globalização, da modernidade e da hegemonia da medicina alopática. O estudo propõe estratégias que incluem a integração do conhecimento tradicional em currículos escolares, políticas públicas e sistemas de saúde, além do fortalecimento de práticas agroecológicas para promover a conservação ambiental e a resiliência cultural. Conclui-se que a pesquisa reforça a urgência de preservar esse patrimônio imaterial como elemento essencial para a biodiversidade e a valorização das culturas locais.

**Palavras-Chave:** Amazônia, Plantas medicinais, População ribeirinha, Agroecologia

## Abstract

This study aims to understand the dynamics of intergenerational transmission of traditional knowledge about medicinal plants in the community of Surucuá, located in the Tapajós-Arapiuns Extractive Reserve, Santarém-PA. Through semi-structured interviews conducted with five women recognized as guardians of this knowledge, the cultural, social and environmental challenges that impact the continuity of these practices were investigated. The qualitative analysis used emerging categories (Transmission of Knowledge; Disinterest of Young People; Valuation of Knowledge; Sustainability of Management; Coexistence between Traditional and Allopathic Medicine). The results revealed the centrality of women in the preservation of knowledge, but also highlighted the growing disconnection of younger generations due to the influence of globalization, modernity and the hegemony of allopathic medicine. The study proposes strategies that include the integration of traditional knowledge into school curricula, public policies and health systems, in addition to the strengthening of agroecological practices to promote environmental conservation and cultural resilience. It is concluded that the research reinforces the urgency of preserving this intangible heritage as an essential element for biodiversity and the valorization of local cultures.



**Keywords:** Amazon, Medicinal plants, Riverside population, Agroecologia

## Résumé

Cette étude vise à comprendre la dynamique de transmission intergénérationnelle des savoirs traditionnels sur les plantes médicinales dans la communauté de Surucuá, située dans la réserve extractive de Tapajós-Arapiuns, Santarém-PA. Au moyen d'entretiens semi-structurés menés avec cinq femmes reconnues comme gardiennes de ces savoirs, les défis culturels, sociaux et environnementaux qui impactent la continuité de ces pratiques ont été étudiés. L'analyse qualitative a utilisé des catégories émergentes (Transmission des savoirs ; Désintérêt des jeunes ; Valorisation des savoirs ; Durabilité de la gestion ; Coexistence entre médecine traditionnelle et allopathique). Les résultats ont révélé le rôle central des femmes dans la préservation des savoirs, mais ont également mis en évidence la déconnexion croissante des jeunes générations due à l'influence de la mondialisation, de la modernité et de l'hégémonie de la médecine allopathique. L'étude propose des stratégies qui incluent l'intégration des savoirs traditionnels dans les programmes scolaires, les politiques publiques et les systèmes de santé, ainsi que le renforcement des pratiques agroécologiques pour promouvoir la conservation de l'environnement et la résilience culturelle. Il est conclu que la recherche renforce l'urgence de préserver ce patrimoine immatériel, élément essentiel à la biodiversité et à la valorisation des cultures locales.

**Mots-clés :** Amazonie, Plantes médicinales, Population riveraine, Agroécologia

O conhecimento tradicional constitui um patrimônio das populações tradicionais que apresentam peculiaridades em virtude de sua formação ser favorecida pela relação de proximidade destas com a riqueza da biodiversidade (Eloy et al. 2014). Segundo Crepalde et al. (2019) esse discurso está associado às práticas sociais, que têm sua gênese na tradição e lutas populares, comumente transmitido pela oralidade e, predominantemente organizado pelo modo narrativo, sendo característico do Brasil a existência de comunidades unidas por tais práticas.

Este conhecimento desempenha um papel essencial na relação entre comunidades locais e o meio ambiente, sendo uma ferramenta vital para a conservação da biodiversidade e a promoção da sustentabilidade, uma vez que é através dela que uma população utiliza seus recursos naturais sem ameaçar, ao longo do tempo, a integridade ecológica do meio ambiente (Lima e Pozzobon, 2005). Em contextos como da Amazônia, onde as comunidades ribeirinhas realizam práticas ancestrais baseadas no uso de recursos naturais, o saber tradicional não apenas promove o bem-estar local, mas também oferece soluções para desafios globais, como a perda de biodiversidade e as mudanças climáticas (Berkes, 2017; Hanazaki et al. 2018). Essas experiências, transmitidas de forma intergeracional, que possui o potencial de contribuir para mitigar os impactos climáticos ao promover o uso sustentável de recursos e evitar a degradação ambiental (Ipcc, 2022).

No entanto, transformações socioeconômicas, como a globalização, um processo que de acordo com Silveira (2004) resulta de transformações econômicas, tecnológicas, sociais e culturais que abrangem todo o planeta, e a migração de jovens para áreas urbanas, têm fragilizado a continuidade desse saber, expondo um risco iminente de perda de conhecimentos fundamentais para a sustentabilidade. Estudos destacam que as práticas tradicionais podem complementar estratégias científicas modernas, contribuindo para o manejo sustentável de ecossistemas e para a resiliência das comunidades diante de eventos extremos (Unesco, 2017; Estevo et al. 2023).

Essas práticas tradicionais são transmitidas predominantemente de forma oral, em contextos familiares, e dependem quase exclusivamente das mulheres, que desempenham um papel fundamental como guardiãs desse saber, contudo, as

mudanças socioculturais têm impactado diretamente a continuidade dessas tradições, com o desinteresse juvenil e a substituição pelos valores da medicina alopática agravando esse cenário (Zambon e Agostini, 2015; Pauli et al. 2018). A alopatia, nesse contexto, refere-se aos medicamentos produzidos nas indústrias, em grande escala ou em farmácia de manipulação, sendo os principais produtos farmacêuticos vendidos em farmácias e drogarias (Anvisa, 2010).

A relevância deste estudo reside não apenas no papel terapêutico das plantas medicinais, mas também na sua importância para a conservação da biodiversidade e para a valorização do conhecimento local. Documentar as práticas relacionadas ao uso de plantas medicinais não apenas fortalece a identidade cultural das comunidades, mas também fornece subsídios para o desenvolvimento de políticas públicas que reconheçam o valor do conhecimento tradicional para a conservação da biodiversidade. A integração de saberes tradicionais em currículos escolares e programas de saúde pública pode contribuir para reverter o desinteresse das novas gerações, promovendo um modelo de desenvolvimento sustentável que valorize tanto a cultura local quanto os recursos naturais (Pereira e Diegues, 2010; Basílio, 2012; Rodrigues et al. 2021).

Este estudo tem como objetivo maior compreender as dinâmicas de transmissão intergeracional do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais na comunidade de Surucuá, localizada na Reserva Extrativista (Resex) Tapajós-Arapiuns, na Amazônia.

A pesquisa alinha-se às diretrizes da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), que reconhece a importância dos conhecimentos tradicionais para a conservação da biodiversidade e a sustentabilidade. Além disso, a Lei nº 13.123/2015, que regulamenta o acesso ao patrimônio genético e aos saberes tradicionais no Brasil, reforça a urgência de documentar e valorizar essas práticas diante das transformações ambientais e socioeconômicas globais.

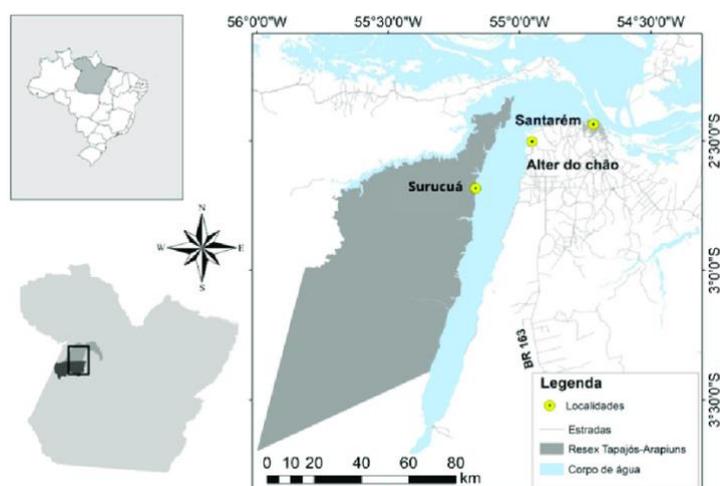
## Material e Métodos

### Área de estudo

O estudo foi realizado na comunidade de Surucúá, localizada na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, no município de Santarém, Pará, Brasil, nas coordenadas "S 2°53'16.8/"W 55°11'18.96, entre as comunidades de Parauá e Muratuba, e o acesso a essa comunidade se dá por meio de embarcação de pequeno porte com duração de seis horas de viagem, saída de Santarém (Figura 1).

### Figura 1

Localização da comunidade de Surucúá, Santarém-PA



Fonte: De Freitas E. P. F (2022).

A Resex Tapajós-Arapiuns é uma Unidade de Conservação Federal, destaca-se por sua biodiversidade e pela relação intrínseca das comunidades ribeirinhas com o uso sustentável dos recursos naturais. Pesquisas nessas localidades se tornam crucial devido a relevância sociocultural e ambiental, no qual, a comunidade local desempenha papel central na preservação de saberes tradicionais e na conservação da biodiversidade (Santos e Quinteiro, 2018).

Inserida na Bacia Amazônica, a comunidade é caracterizada pelo ciclo hidrológico de cheias e vazantes, influenciado pelas épocas de chuvas e estiagem. O clima que abrange a localidade é o equatorial continental megatérmicos úmidos da Amazônia Central, que tem como uma de suas características a associação do

calor elevado (temperaturas médias anuais entre 26 e 28°C) com umidade alta (valores médios anuais entre 80 a 85%), e uma vegetação do tipo ombrófila densa (ICMBio, 2014).

De acordo com o Agente Comunitário de Saúde, residem na comunidade 132 famílias que preservam um modo de vida caracterizado pelo extrativismo, pesca e agricultura de base familiar representada principalmente pelo cultivo da mandioca em pequenos roçados. A comunidade conta ainda com um posto de saúde e uma enfermeira.

O estudo seguiu os protocolos éticos e legais exigidos para pesquisas em comunidades tradicionais. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob o protocolo nº 6.708.560, em 18 de março de 2024 (Brasil 2016). A pesquisa de campo foi autorizada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), sob a licença nº 92123-1, válida de 4 de janeiro de 2024 a 4 de janeiro de 2025. O estudo também respeitou os princípios da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB) e a Lei nº 13.123/2015, que regula o acesso ao patrimônio genético e aos conhecimentos tradicionais associados (Brasil 2015), através da aprovação número de cadastro: A194B30 em 11 de janeiro de 2024.

A seleção dos participantes seguiu critérios rigorosos para garantir representatividade e profundidade nas respostas com o uso da técnica de amostragem não probabilística “bola de neve” (*snowball sampling*), essa amostragem se torna importante para estudar grupos difíceis de serem acessados (Vinuto, 2014). Os critérios de inclusão contemplaram o envolvimento direto no manejo, preparo e uso de plantas medicinais, o reconhecimento comunitário como referências ou lideranças em práticas tradicionais e o consentimento voluntário para participar da pesquisa e compartilhar seus conhecimentos.

### *Coleta de dados*

A coleta de dados foi realizada entre março e agosto de 2024, empregando métodos qualitativos adaptados ao contexto comunitário (Bardin, 1977). Foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com base em um roteiro que abordou temas como plantas medicinais mais utilizadas, métodos de preparo e aplicação, práticas de transmissão intergeracional do conhecimento, sustentabilidade e

desafios na continuidade do saber tradicional e percepções sobre a coexistência entre medicina tradicional e alopática.

Foram entrevistadas cinco mulheres, com perfis diversificados em idade, nível de escolaridade e grau de envolvimento nas práticas de medicina tradicional, garantindo a pluralidade de experiências e vivências. Dessa forma, cada informante foi identificado por nome fictício, resguardando-lhes a privacidade sobre suas identidades.

Com duração média de 45 minutos, as entrevistas foram realizadas em locais escolhidos pelas participantes para garantir conforto e privacidade. Além das entrevistas, foi possível acompanhar práticas cotidianas por meio da observação participante (Albuquerque et al. 2014) como interações comunitárias que facilitam a transmissão do conhecimento. Esse método permitiu registrar práticas implícitas, além de capturar nuances culturais e sociais relacionadas ao uso das plantas. As entrevistas foram complementadas por notas de campo que documentaram aspectos culturais, ambientais e sociais. Esses registros ofereceram um contexto mais amplo para a análise.

### *Análise de dados*

A análise dos dados foi conduzida utilizando abordagens qualitativas complementares. A análise temática seguiu os passos de Braun e Clarke (2006), conforme tabela 1, os dados foram organizados em categorias temáticas, incluindo: Transmissão do conhecimento tradicional; Sustentabilidade do uso das plantas; Impactos da globalização; e Introdução da medicina alopática.

**Tabela 1**  
Fases da Análise temática

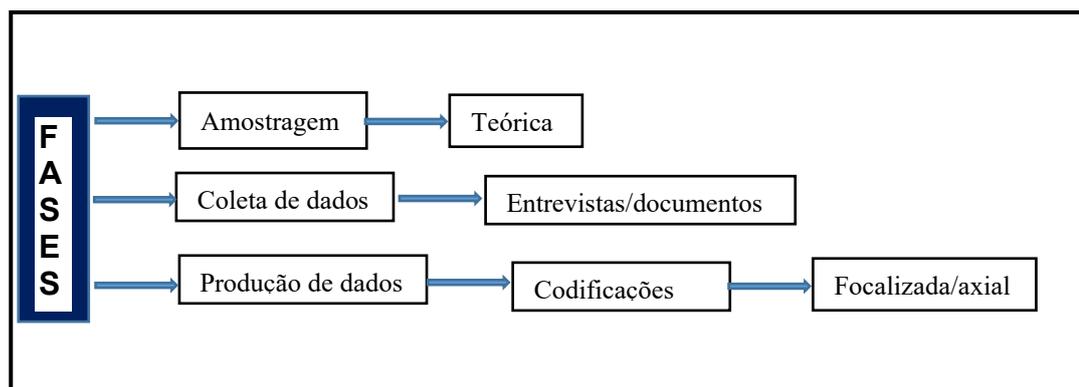
<b>Fase</b>	<b>Descrição do processo</b>
Familiarize-se com seus dados	Transcrever dados (se necessário), ler e relendo os dados, anotando as ideias iniciais.
Gerando códigos iniciais	Codificação de recursos interessantes dos dados de forma sistemática em todo o conjunto.

Procurando por temas	Coletando códigos por temas potenciais, reunindo todos os dados relevantes para cada tema
Revisão de temas	Verificação do trabalho dos temas em relação ao codificado
Definição e nomeação de temas	Análise contínua para refinar as especificidades de cada tema, gerando definições e nomes claros para cada tema
Produção do relatório	Seleção de extratos convincentes, análise final dos extratos selecionados, relacionando com a questão da pesquisa e literatura, produzindo um relatório da análise.

Fonte: Braun V. Clarke V. (2006).

A teoria Fundamentada nos Dados (*Grounded Theory*) conforme descrita por Charmaz (2009), permitiu o desenvolvimento de teorias emergentes com base nos dados coletados, destacando padrões recorrentes e conexões (Figura 2). Para assegurar a confiabilidade dos resultados, dois pesquisadores realizaram a codificação dos dados de forma independente, comparando suas análises para minimizar vieses interpretativos.

**Figura 2**  
Processos da teoria fundamentada



Fonte: Melo R. F com base em Charmaz K (2009).

As categorias emergentes (Transmissão do Conhecimento; Desinteresse dos Jovens; Valorização do Conhecimento; Sustentabilidade do Manejo; Coexistência entre Medicina Tradicional a Alopática) foram revisadas e validadas

em colaboração com membros da comunidade e líderes locais, garantindo que os resultados refletissem as experiências e percepções das participantes. De acordo com Charmaz (2009) essas categorias são definidas a partir dos dados analisados, que nenhum dado ou teoria é descoberto, mas sim construído.

A coleta de dados não considerou variações sazonais que poderiam influenciar o uso das plantas medicinais. Além disso, a análise do manejo sustentável foi preliminar, apontando a necessidade de estudos ecológicos mais detalhados para compreender os impactos sobre a biodiversidade local e os fatores relacionados ao desinteresse dos jovens. Importante destacar que este estudo limita generalizações para outras comunidades da Resex Tapajós-Arapiuns.

## **Resultados e Discussão**

As participantes entrevistadas foram exclusivamente mulheres com idade mínima de 57 anos e máxima de 71 anos, incluindo quatro aposentadas que têm como renda principal um salário-mínimo, e uma agricultora cuja renda é complementada por meio de transferências de programas sociais do governo. Todas com ensino fundamental incompleto, reconhecidas na comunidade como guardiãs de saberes tradicionais relacionados ao uso de plantas medicinais. Quatro das informantes são vindas de outras localidades, mas que residem na comunidade a mais de 30 anos. Entre elas uma identificada como indígena da etnia Tupinambá.

A comunidade de Surucúá preserva um rico conhecimento tradicional sobre plantas medicinais, transmitido predominantemente de forma oral, em contextos familiares. As mulheres desempenham um papel central como guardiãs desse saber, ensinando práticas como o preparo de chás e remédios entre gerações. No entanto, as mudanças socioculturais, como a globalização e a introdução de tecnologias modernas, como os smartphones, têm enfraquecido a transmissão intergeracional, representando um risco significativo para a conservação desse patrimônio imaterial (Zambon e Agostini, 2015; Silva e Leite, 2016).

Entrevistas realizadas com as participantes revelam incertezas quanto à continuidade dessas tradições, especialmente entre os jovens, que demonstram crescente desconexão com as práticas tradicionais. Esse cenário é consistente com

estudos que apontam a influência dos valores urbanos e da medicina alopática como fatores que desvalorizam o conhecimento etnobotânico em comunidades tradicionais (Mota e Dias, 2012; Gonçalves et al. 2018). Embora o uso de plantas medicinais seja essencial no cotidiano da comunidade, a ausência de estratégias formais em políticas públicas para sua valorização e integração nos sistemas educacionais e de saúde ameaça sua preservação.

Para mitigar esses desafios, é fundamental a criação de programas educacionais que incorporem o conhecimento tradicional ao currículo escolar local (Basílio, 2012). Oficinas de etnobotânica, associadas a atividades práticas no campo, podem estimular o interesse das gerações mais jovens e fortalecer a valorização dessas práticas. Além disso, a documentação sistemática desse saber, por meio de publicações comunitárias ou digitais, pode garantir sua preservação para o futuro (Berkes, 2017; Pauli et al. 2018).

Complementarmente, iniciativas comunitárias que combinem o manejo sustentável das espécies medicinais com a geração de renda podem assegurar a sustentabilidade ecológica e cultural dessas práticas. Estudos anteriores (Marques et al. 2020; Debastiani et al. 2022) reforçam que o alinhamento entre conservação ambiental e benefícios econômicos é uma estratégia eficaz para proteger o conhecimento tradicional e promover sua resiliência em comunidades ribeirinhas.

### *Transmissão do Conhecimento*

Minha mãe e minha avó sempre faziam chás e ensinavam a gente a usar as plantas desde pequena. Eu via como elas colhiam as folhas, como preparavam, e assim fui aprendendo. Agora eu ensino pras minhas netas, mas não sei se elas vão continuar usando (**Joana**).

Conforme destacado por Berkes (2017), as mulheres desempenham um papel central na manutenção do conhecimento tradicional, principalmente em comunidades que dependem diretamente dos recursos naturais. Elas não apenas guardam o saber, mas também o adaptam às transformações sociais e ambientais. No caso da fala de "Joana", a preocupação com a continuidade desse saber entre as novas gerações é consistente com as observações de Santos e Quinteiro (2018), que identificam a globalização como um fator que enfraquece a transmissão de

práticas ancestrais, influenciando a valorização dos saberes locais e impactando sua preservação.

A fala evidencia um fenômeno amplamente documentado: o afastamento dos jovens das práticas tradicionais. Zambon e Agostini (2015) e Boscolo e Galvão (2019) apontam que a migração para áreas urbanas e o predomínio de valores globais frequentemente geram desinteresse entre os jovens, que consideram o conhecimento tradicional irrelevante em um contexto de modernidade. Essa desconexão não é apenas cultural, mas também estrutural, pois o sistema educacional raramente incorpora saberes locais em seu currículo (Unesco 2017).

Para reverter esse processo, autores como Reyes-García et al. (2019) defendem a importância de políticas públicas que reconheçam formalmente o papel do conhecimento tradicional na sustentabilidade e na saúde comunitária. Iniciativas educacionais que promovam oficinas práticas, como o preparo de chás mencionados no diálogo, podem estimular o interesse juvenil, promovendo uma integração cultural e geracional.

A capacidade de adaptação mencionada por "Joana" ao ensinar suas netas está em consonância com Trivelin (2022) que descreve como comunidades locais reconfiguram seus saberes tradicionais em resposta às pressões externas. Essa resiliência, embora promissora, precisa de suporte institucional para prosperar em longo prazo, evitando a extinção de práticas culturais.

### *Desinteresse dos Jovens*

Os jovens de hoje em dia não querem saber dessas coisas. Eu falo pra eles: 'Aprendam a fazer os chás, porque não vai ter sempre remédio da farmácia'. Mas eles acham que só o que vem do médico é que funciona. O conhecimento vai se perdendo. **(Maria)**

O depoimento de Maria evidencia um fenômeno recorrente em comunidades tradicionais: o desinteresse das gerações mais jovens pelo conhecimento ancestral, muitas vezes percebido como obsoleto em face da modernidade e dos avanços tecnológicos. Esse afastamento das práticas tradicionais pode ser analisado sob a luz de diferentes estudos que abordam os impactos da



globalização, da modernização cultural e da desvalorização institucional do saber local.

A fala de Maria reflete um problema identificado por Zambon e Agostini (2015), que observaram como a introdução de valores urbanos e a predominância de tecnologias modernas criam uma desconexão geracional. Segundo os autores, a percepção de que apenas a medicina alopática é válida muitas vezes resulta da falta de integração entre o saber tradicional e os sistemas formais de saúde e educação. Isso intensifica a perda de práticas tradicionais, já que os jovens não enxergam aplicabilidade prática ou status associado a esses saberes.

Reyes-García et al. (2019) destacam que a inclusão do conhecimento tradicional em currículos escolares é uma estratégia eficaz para reverter o desinteresse juvenil. A documentação formal e a utilização de oficinas práticas, como o preparo de remédios naturais, não apenas conectam os jovens às suas raízes culturais, mas também fortalecem o reconhecimento desse saber como parte de um patrimônio biocultural relevante para o futuro.

A visão de que "só o que vem do médico é que funciona" também dialoga com estudos como os de Oliveira et al. (2020), que apontam a importância de integrar práticas tradicionais nos sistemas de saúde pública. Essa integração não apenas reforça o valor do conhecimento local, mas também cria uma ponte entre a medicina tradicional e a moderna, promovendo uma coexistência que pode ser benéfica tanto para a saúde da comunidade quanto para a preservação cultural.

### *Valorização do Conhecimento*

Essas plantas curam de verdade, minha mãe sempre dizia que não era pra depender de remédio de farmácia. A gente precisa ensinar, passar isso adiante, porque é nossa cultura. Mas parece que ninguém mais valoriza o que a gente sabe. **(Silvana)**

A fala de Silvana ilustra a percepção de desvalorização do conhecimento tradicional e destaca a importância da transmissão intergeracional como um processo essencial para a preservação das práticas culturais. Essa temática tem sido amplamente discutida na literatura, especialmente no campo da etnobotânica e da conservação biocultural.

A desvalorização mencionada reflete um fenômeno global, em que o conhecimento local é frequentemente marginalizado frente à hegemonia de sistemas modernos, como a medicina alopática. Berkes (2017) argumenta que o reconhecimento institucional do saber tradicional é crucial para fortalecer sua relevância e continuidade. Políticas públicas que promovam o uso sustentável de plantas medicinais em sistemas de saúde podem integrar o saber tradicional e valorizá-lo como uma ferramenta complementar, conforme apontado por Cherobin et al. (2022).

A preocupação com a continuidade desse conhecimento é central na fala. Para Silvana, a transmissão intergeracional não é apenas um meio de preservar práticas, mas também um pilar da identidade cultural da comunidade. Estudos como os de Reyes-García et al. (2019) ressaltam que o conhecimento tradicional é um patrimônio imaterial que conecta as comunidades aos seus territórios e histórias. Esses autores destacam que a transmissão intergeracional, por meio de atividades cotidianas e culturais, é essencial para assegurar a continuidade das práticas locais.

A afirmação “parece que ninguém mais valoriza o que a gente sabe” também evidencia a lacuna entre os saberes locais e os sistemas formais de governança. Hill et al. (2019) apontam que iniciativas de manejo comunitário e projetos de conservação biocultural podem resgatar a relevância do saber local, integrando-o em políticas públicas e criando incentivos econômicos e culturais para sua preservação.

O contraponto entre o saber tradicional e os "remédios de farmácia" destaca a dicotomia percebida entre os sistemas de saúde tradicionais e modernos. Oliveira et al. (2020) argumentam que essa relação não precisa ser de exclusão mútua, mas de complementaridade. A integração de práticas tradicionais em sistemas de saúde pode não apenas fortalecer a eficácia dos tratamentos, mas também legitimar o conhecimento local perante as novas gerações.

### *Sustentabilidade do Conhecimento*

Eu ensino minhas filhas a cuidar das plantas, a fazer os remédios, mas às vezes me pergunto se elas vão continuar plantando e colhendo como eu faço. Hoje

em dia, é tudo mais rápido, ninguém tem paciência de esperar o remédio da planta crescer. **(Raimunda)**

A fala de Raimunda destaca o papel das mulheres como guardiãs do conhecimento tradicional, mas também a incerteza quanto à continuidade dessas práticas pelas gerações mais jovens. Berkes (2017) argumenta que a transmissão do conhecimento tradicional ocorre de maneira informal, principalmente por meio de observação e prática, mas é cada vez mais ameaçada por mudanças socioculturais. A introdução de tecnologias modernas e o ritmo acelerado da vida urbana desestimulam a paciência necessária para práticas como o cultivo de plantas medicinais, um fenômeno descrito por Zambon e Agostini (2015) como "deslocamento cultural", no qual os jovens se desconectam de práticas que demandam tempo e imersão.

A preocupação de Raimunda com a falta de continuidade no plantio e colheita de plantas medicinais reflete também um desafio ecológico. Segundo Reyes-García et al. (2019), a redução do interesse nas práticas tradicionais está diretamente ligada ao enfraquecimento da sustentabilidade ecológica. Quando os jovens abandonam essas práticas, não apenas o conhecimento cultural, mas também o manejo sustentável dos recursos locais pode ser comprometido, resultando em exploração excessiva e perda de biodiversidade.

Hill et al. (2019) reforçam que iniciativas que promovem a valorização cultural, como oficinas práticas e eventos comunitários, são fundamentais para reverter o desinteresse das novas gerações. Essas atividades podem reconectar os jovens às práticas ancestrais, ao mesmo tempo em que oferecem oportunidades para adaptar esses saberes ao contexto contemporâneo, tornando-os mais relevantes para os desafios atuais.

A fala também sugere uma tensão entre a temporalidade das práticas tradicionais e as demandas da modernidade, uma questão amplamente discutida por Fan (2018). A globalização introduz valores que priorizam rapidez e eficiência, em detrimento do cuidado e paciência inerentes às práticas tradicionais, como o cultivo de plantas medicinais. Essa mudança de valores representa um desafio para a continuidade do conhecimento local, que muitas vezes é marginalizado em sistemas dominados por perspectivas globais.

Apesar das dificuldades, o fortalecimento da resiliência cultural é possível por meio de estratégias que envolvam a juventude em práticas participativas e integradas. O empoderamento juvenil, conforme discutido por Barros et al. (2023), é essencial para a construção coletiva do conhecimento e para o reconhecimento do papel dos jovens na preservação das práticas culturais e na promoção da saúde. Iniciativas como a documentação sistemática do saber tradicional e sua inclusão em currículos escolares podem fornecer um caminho para manter essas práticas vivas, ao mesmo tempo em que promovem a autonomia e o protagonismo juvenil.

### *Coexistência entre Medicina Tradicional e Alopática*

A gente sempre usou as plantas pra tudo, não tinha médico por perto, então era o que minha mãe fazia. Agora, tem o posto de saúde, mas eu ainda prefiro meus chás. Uso quando é preciso, e ensino quando alguém me pede. (**Marta**)

A fala da participante reflete a coexistência entre o conhecimento tradicional e a medicina alopática, um fenômeno amplamente documentado em estudos etnobotânicos e de saúde pública. A prática descrita por Marta ao preferir os chás para o cuidado cotidiano e buscar a medicina alopática em situações específicas, ilustra o conceito de complementaridade entre sistemas de saúde (Berkes, 2017). Esse padrão tem sido observado em diversas comunidades tradicionais, onde o saber ancestral é integrado ao sistema biomédico sem que um exclua o outro (Silva et al. 2015; Prestes et al. 2023).

O uso de plantas medicinais para tratar doenças comuns, como mencionado na fala, evidencia a autonomia comunitária em contextos onde o acesso a serviços de saúde formal era historicamente limitado. Estudos como o de Reyes-García et al. (2019) destacam que o conhecimento tradicional tem papel central na manutenção da saúde em comunidades remotas, especialmente devido à disponibilidade local e ao custo reduzido. Além disso, essas práticas fortalecem os laços culturais e intergeracionais, servindo como um símbolo de identidade coletiva.

O relato também aponta para a transição que ocorre em muitas comunidades tradicionais com a introdução de postos de saúde. A coexistência mencionada é uma dinâmica em que os dois sistemas se complementam, mas também revela uma possível erosão do saber tradicional, que pode ocorrer quando as gerações

mais jovens preferem o sistema biomédico. Essa tensão é discutida por Oliveira et al. (2020), que ressaltam a importância de políticas públicas para integrar práticas tradicionais em estratégias formais de saúde.

Reconhecer e incorporar o conhecimento tradicional em programas de saúde pública pode fortalecer a relação entre os dois sistemas. Estudos mostram que agentes comunitários de saúde capacitados para trabalhar com plantas medicinais podem melhorar o acesso aos cuidados e promover o diálogo intercultural entre saberes locais e a biomedicina (Lima et al. 2018; Patrício et al. 2022).

A prática de ensinar o uso de plantas medicinais, como mencionado na fala, reforça o papel crucial da transmissão intergeracional no fortalecimento do conhecimento tradicional. Contudo, essa transmissão enfrenta desafios em um contexto de modernização e globalização. Para que o saber local continue sendo valorizado, é necessário promover oficinas, eventos culturais e documentação sistemática, conforme discutido por Berkes (2017) e Hill et al. (2019).

### *Perspectivas de Sustentabilidade e Educação Intergeracional*

Os desafios relacionados à transmissão intergeracional destacam a necessidade de iniciativas educativas que promovam a valorização das práticas tradicionais. Programas escolares que integrem o conhecimento etnobotânico ao currículo formal podem estimular o interesse das novas gerações (Santos et al. 2019).

Além disso, documentar sistematicamente o saber tradicional e adotar práticas participativas de manejo sustentável podem fortalecer a resiliência das comunidades diante das pressões externas. Políticas públicas que reconheçam o papel das comunidades tradicionais na conservação da biodiversidade são fundamentais para alinhar sustentabilidade ecológica e sociocultural.

### *Caminhos para as políticas públicas*

**Integração de Conhecimentos no Sistema Educacional:** A valorização do conhecimento tradicional no sistema educacional é crucial para reverter o desinteresse juvenil e assegurar a continuidade das práticas culturais. A integração desse saber aos currículos formais, por meio de oficinas de etnobotânica e atividades práticas, pode conectar os jovens à cultura local e ao uso sustentável dos recursos naturais.

A documentação sistemática, por meio de publicações comunitárias ou digitais, pode preservar e ampliar o acesso ao conhecimento. Estudos mostram que essa abordagem promove a valorização cultural (Bergamaschi e Medeiros, 2010; Santos et al. 2024) e fortalece a sustentabilidade, incentivando o manejo consciente e responsável dos recursos naturais (Unesco, 2017).

**Fortalecimento de Políticas Públicas:** Implementar políticas públicas que reconheçam formalmente o conhecimento tradicional é essencial para apoiar práticas sustentáveis em comunidades indígenas e locais. Essas políticas devem fornecer suporte técnico e financeiro, garantindo a continuidade do manejo tradicional e promovendo a conservação ecológica (Hill, 2019; Reyes-García et al. 2019). Hill et al. (2019) ressaltam a importância de abordagens bioculturais na conservação de polinizadores, destacando o papel do saber indígena na biodiversidade.

De forma semelhante, Reyes-García et al. (2019) evidenciam o impacto das políticas no apoio ao conhecimento tradicional na restauração ecológica. Assim, políticas inclusivas que articulam saberes tradicionais e conservação são fundamentais para enfrentar desafios ambientais atuais.

**Sistemas de Manejo Sustentável:** Desenvolver projetos comunitários que integrem manejo sustentável, conservação ambiental e geração de renda é essencial para fortalecer a resiliência das comunidades e proteger a biodiversidade. Sistemas agroflorestais e o manejo participativo alinham produção econômica e conservação de ecossistemas, resultando em benefícios sociais e ambientais (Miranda et al. 2020).

Além disso, Cortés-Calderón et al. (2021) demonstram que a sucessão de florestas secundárias contribui significativamente para o fornecimento de serviços ecossistêmicos. Políticas públicas com suporte técnico e financeiro potencializam

esses impactos, fortalecendo as comunidades como guardiãs dos recursos naturais e protagonistas na conservação ambiental.

**Promoção de Iniciativas Culturais:** Estimular eventos culturais e oficinas comunitárias que reforcem a valorização das práticas tradicionais entre os jovens é uma estratégia eficaz para fortalecer a identidade cultural e a transmissão intergeracional do conhecimento. Estudos apontam que iniciativas como feiras de saberes, festivais culturais e oficinas práticas promovem a valorização do saber local e incentivam o envolvimento ativo das novas gerações (Reyes-García et al. 2019).

Da mesma forma, atividades baseadas no conhecimento tradicional, como o manejo sustentável de recursos e a celebração de práticas bioculturais, podem contribuir para a conservação da biodiversidade e o fortalecimento dos laços entre a comunidade e seu território (Hill et al. 2019).

## Conclusão

Este estudo evidenciou a riqueza do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais na comunidade de Surucuá e os desafios enfrentados para sua continuidade e valorização. Embora a transmissão intergeracional permaneça ativa, ela está ameaçada pelo desinteresse das gerações mais jovens e pela falta de reconhecimento formal desse saber nos sistemas educacional e de saúde. A coexistência entre sistemas tradicionais e alopáticos destaca a relevância cultural e prática do conhecimento tradicional, reforçando a necessidade de estratégias para preservá-lo.

Para garantir a preservação desse patrimônio cultural, é imprescindível a implementação de políticas públicas que reconheçam e regulamentem a medicina tradicional, promovendo sua integração aos sistemas formais de saúde. Além disso, iniciativas educacionais que valorizem o saber local e práticas participativas de manejo sustentável são essenciais para assegurar a sustentabilidade ecológica e cultural, fortalecendo a resiliência das comunidades frente às pressões socioambientais.

Apesar das contribuições significativas deste trabalho, algumas limitações devem ser reconhecidas. A amostragem restrita e a ausência de uma análise sazonal dos recursos utilizados limitam a abrangência dos resultados. Pesquisas futuras que envolvam diversas comunidades da Resex Tapajós-Arapiuns e incorporem análises temporais podem aprofundar nossa compreensão sobre a relação entre sazonalidade, biodiversidade e práticas tradicionais, fornecendo uma base ainda mais robusta para a formulação de políticas públicas.

Este estudo não apenas ressalta a importância do conhecimento tradicional como recurso terapêutico, mas também o posiciona como um componente fundamental da identidade e da resiliência das comunidades tradicionais. Assim, ações urgentes são necessárias para proteger esse patrimônio imaterial, que é vital tanto para a conservação da biodiversidade quanto para a valorização das culturas locais. Reconhecer e valorizar o papel do conhecimento tradicional em políticas públicas, especialmente em regiões de alta biodiversidade como a Amazônia, é essencial para alinhar conservação ambiental e desenvolvimento socioeconômico.

## Referências

- Albuquerque, U. P., Cunha, L. V. F. C. da, Lucena, R. F. P. de, & Alves, R. R. N. (2014). *Methods and techniques in ethnobiology and ethnoecology*. New York. doi: 10.1007/978-1-4614-8636-7.
- Anvisa – Agência Nacional de Vigilância Sanitária. (2010). O que devemos saber sobre os medicamentos. [<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/centraisdeconteudo/publicacoes/medicamentos/publicacoes-sobre-medicamentos/o-que-devemos-saber-sobre-medicamentos.pdf/view>]. Acessado em 26 de fevereiro de 2025.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70(225).
- Basílio, G. (2012). O currículo local nas escolas moçambicanas: estratégias epistemológicas e metodológicas de construção de saberes locais. *Educação e Fronteiras* 2(5): 79-97, 2012.
- Bergamaschi, M. A., & Medeiros, J. S. (2010). História, memória e tradição na educação escolar indígena: o caso de uma escola Kaingang. *Revista Brasileira de História* 30(60): 55–75.



- Berkes, F. (2017). *Sacred Ecology: Traditional Ecological Knowledge and Resource Management*. 4 New York: Routledge.
- Boscolo, O. H., & Galvão, M. N. (2019). Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em duas comunidades da região serrana do Rio de Janeiro, Brasil. *Revista Fitos* 13(3): 212-231. doi: 10.32712/2446-4775.2019.829.
- Brasil. (2016). Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília: Ministério da Saúde. [<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>]. Acessado em 27 de novembro de 2024.
- Brasil. (2015). Ministério do Meio Ambiente. Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015. Regulamenta o acesso ao patrimônio genético e aos conhecimentos tradicionais associados. Brasília. [[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/L13123.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/L13123.htm)]. Acessado em 27 de novembro de 2024.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology* 3(2) 77-10.
- Charmaz, K. (2009). *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Bookman Editora.
- Cortés-Calderón, S., Mora, F., Arreola-Ailla, F., & Balvanera, P. (2021). Ecosystem services supply and interactions along secondary tropical dry forests succession. *Forest Ecology and Management* 482: 118858. doi: 10.1016/j.foreco.2020.118858.
- Cunha, L. V. F., & Albuquerque, U. P. (2005). Ethnobotany and economic potential of medicinal plants in the Northeast of Brazil. *Journal of Ethnopharmacology* 101: 33–42.
- Crepalde, S. R., Klepka, V., Pinto, T. H. O., & Sousa, M. (2019). A integração de saberes e as marcas dos conhecimentos tradicionais: reconhecer para afirmar trocas interculturais no ensino de ciências. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências* 275-297. doi: 10.28976/1984-2686rbpec2019u275297.
- Debastiani, J. S. M., Calgaro, C., & Sobrinho, L. L. P. (2022). Crise global e colonialidade: A agroecologia como espaço para proteção do meio ambiente, igualdade de gênero e sustentabilidade. *Revista Videre* 14(29): 177-191. doi: 10.30612/videre.v14i19.12804.
- Eloy, C. C., Vieira, D. M., Lucena, C. M. de, & Andrade, M. O. de. (2014). Apropriação e proteção dos conhecimentos tradicionais no Brasil: a conservação da biodiversidade e os direitos das populações tradicionais. *Gaia Scientia* 8 (2): 189-198.



- Fan, Y., Zhao, Y., Liu, A., Hamilton, A., Wang, C., Li, L., Yang, Y., & Yang, L. (2018). Indigenous knowledge of dye-yielding plants among Bai communities in Dali, Northwest Yunnan, China. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 14: 1-11. doi: 10.1186/s13002-018-0274-z.
- Freitas, E. P. F. de, Novais, J. S. de, Silva, D. W., & Lauer-Leite, I. D. (2022). Sociobiodiversidade e alimentação em uma comunidade ribeirinha da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, Baixo Amazonas. *Mundo Amazônico* 13(2). doi: 10.15446/ma.v13n2.100014.
- Gonçalves, M. M. M., Cajaiba, R. L., Santos, W. B., Sousa, E. S., Martins, J. S. C., Pereira, K. S., & Sousa, V. A. (2018). Estudo etnobotânico do conhecimento e uso de plantas medicinais em Santa Luzia, Maranhão, Brasil. *Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais* 9(5). doi: 10.6008/CBPC2179-6858.2018.005.0002.
- Hill, R., Nates-Parra, G., Quezada-Euán, J. J. G., Buchori, D., Lebuhn, G., Maués, M. M., Pert, P. L., Kwapong, P. K., Saeed, S., Breslow, S. J., Cunha, M. C. da., Dicks, L. V., Galetto, L., Gikungu M., Howlett, B. G., Imperatriz-Fonseca, V. L., Lyver, P. B., Martín-Lopes, B., Oteros-Rozas, E., Potts, S. G., & Roué, M. (2019) Biocultural approaches to pollinator conservation. *Nature Sustainability* 2: 214–222. doi: 10.1038/s41893-019-0244-z.
- ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. (2014). Plano de Manejo da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns. [[https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/amazonia/lista-de-ucs/resex-tapajos-arapiuns/arquivos/resex\\_tapajos\\_arapiuns\\_pm\\_vol2.pdf](https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/amazonia/lista-de-ucs/resex-tapajos-arapiuns/arquivos/resex_tapajos_arapiuns_pm_vol2.pdf)]. Acessado em 30 de novembro de 2024.
- Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC). (2022). *Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability*. Cambridge: Cambridge University Press. doi: 10.1017/9781009325844.
- Jacinto, L. M. (2024). Currículo local no contexto escolar: Uma ponte entre os saberes locais e os universais. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos e Representações da África* 11(22): 65-78.
- Lima, D., & Pozzobon, J. (2005). Amazônia socioambiental: sustentabilidade ecológica e diversidade social. *Estudos avançados* 19(54): 45-76. doi: 10.1590/S0103-40142005000200004.
- Marques, W. P. G., Anjos, T. O. dos, & Costa, M. N. R. F. da. (2020). Plantas medicinais usadas por comunidades ribeirinhas do Estuário Amazônico. *Brazilian Journal of Development* 6(10): 74242-74261. doi: 10.34117/bjdv6n10-013.



- Miranda, K. F., Neto, M. A., Sousa, R. P., & Coelho, R. F. (2020). Sustainable Forest Management in Community Use Protected Areas in the Amazon. *Sociedade & Natureza* 32: 799–814. doi: 10.14393/SN-v32-2020-51621.
- Mota, M. L., & Dias, R. (2012). Quilombolas e recursos florestais medicinais no sul da Bahia, Brasil. *Campo Grande* 13(2): 151-159. doi: 10.1590/S1518-70122012000200002.
- Pauli, P. T., Rios, R. S., Bieski, I. G. C., & Silva, J. S. (2018). Estudo etnobotânico de plantas medicinais em bairros de Juína, Mato Grosso, Brasil. *Revista Saúde Viva Multidisciplinar da AJES* 1(1).
- Pereira, B. E., & Diegues, A. C. (2010). Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. *Desenvolvimento e Meio Ambiente* 22(37). doi: 10.5380/dma.v22i1.16054.
- Prestes, C. F., Braga, M. N. S., Brito, D. S., Batista, F. A., Souza, F. G. de, Silva, G. A. da, Cruz, P., & Lima, R. A. (2023). Plantas medicinais utilizadas pelos povos ribeirinhos em comunidades no município de Manicoré-Amazonas, Brasil. *Revista Valore* 8. doi: 10.22408/reva8020231123e-8057.
- Patrício, K. P., Minato, A. C. D. S., Brolio, A. F., Lopes, M. A., Barros, G. R. D., Moraes, V., & Barbosa, G. C. (2022). O uso de plantas medicinais na atenção primária à saúde: revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27, 677-686.
- Reyes-García, V., Fernández-Llamazares, A., McElwee, P., Molnár, Z., Öllerer, R., Wilson, S.J., & Brondizio, E. S. (2019). The contributions of Indigenous Peoples and local communities to ecological restoration. *Restoration Ecology* 27(1): 3–8. doi: 10.1111/rec.12894.
- Rodrigues, E. S., Brito, N. M. de, & Oliveira, V. J. S de. (2021). Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas por alguns moradores de três comunidades rurais do município de Cabaceiras do Paraguaçu/Bahia. *Biodiversidade brasileira* 11(1). doi: 10.37002/biodiversidadebrasileira.v11i1.1645.
- Santos, M. G., & Quinteiro, M. (2018). Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas. doi: 10.7476/9788575114858.
- Santos, D. L., Moraes, J. S., de Souza, A. Z. T., & Silva, I. R. da. (2019). Saberes tradicionais sobre plantas medicinais na conservação da biodiversidade amazônica. *Ciências em foco* 12(1).
- Santos, S. M. A. V., Franqueira, A. D. S., & Viana, S. C. (2024). Verde na veia: integrando educação ambiental ao currículo formal. *Cuadernos de Educación y Desarrollo, Portugal* 16 (6): 01-22, 2024. doi: 10.55905/cuadv16n6-037.



- Shanley, P., Luz, L., & Clement, C. R. (2002). Tapping into the Amazon: Traditional knowledge in tropical forest management. *Biodiversity and Conservation* 11: 1853–1867.
- Silva, G. H. da, & Leite, I. A. (2016). Estudo etnobotânico de plantas medicinais em duas comunidades no Estado da Paraíba, Brasil. *Biodiversidade* 15(2): 76-84.
- Silva, C. G., Marinho, M. G. V., Lucena, M. F. A., & Costa, J. G. M. (2015). Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de Caatinga na comunidade do Sítio Nazaré, município de Milagres, Ceará, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais* 17(1): 133-142. doi: 10.1590/1983-084X/12\_055.
- Silveira, M. D. P. (2004). Efeitos da globalização e da sociedade em rede via Internet na formação de identidades contemporâneas. *Psicologia: ciência e profissão* 24(4): 42-51. doi: 10.1590/S1414-98932004000400006.
- Unesco. *Indigenous Knowledge Systems and Sustainability* (2017). Paris.
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas* 22(44): 203-220. doi: 10.20396/tematicas.v22i44.10977.
- Zambon, V., & Agostini, K. (2015). Saber popular sobre plantas: um levantamento etnobotânico em áreas rurais de Piracicaba/SP. *Revista Ciência, Tecnologia & Ambiente* 1(1): 8-14.

**Recebido: 15/04/2025**

**Aprovado: 28/05/2025**

**Publicado: 01/07/2025**

## **Autores**

<sup>1</sup> Rosineri Freitas Melo, discente do Instituto de Biodiversidade e Florestas (IBEF), graduanda em Ciências Agrárias pela Universidade Federal do Oeste do Pará e bolsista pela Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (Fapespa). Telephone (93) 99186/6427. E-mail: [rosemelostm@gmail.com](mailto:rosemelostm@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-8238-6983>.

<sup>2</sup> Helionora da Silva Alves, Doutora em Agricultura Tropical, pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Campus Cuiabá, Brasil, e Pós-doutorado em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE. Docente no Instituto de Biodiversidade e Florestas (IBEF) da Universidade Federal do Oeste do Pará. [helionoraalves@ufopa.edu.br](mailto:helionoraalves@ufopa.edu.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2118-5502>.

<sup>3</sup> Francielei Burlamaque Maciel, Doutora em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Docente no Instituto de Ciência da Sociedade (ICS) da Universidade Federal do



Oeste do Pará. E-mail: [francicleibmaciel@gmail.com](mailto:francicleibmaciel@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7949-0070>.

<sup>4</sup> Wilson Sabino, Doutor pelo departamento de Medicina Preventiva e Saúde Pública na Universidad Autonoma de Madrid (UAM). Docente no Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Oeste do Pará. E-mail: [wilson.sabino@ufopa.edu.br](mailto:wilson.sabino@ufopa.edu.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6292-639X>.